

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Américo Lopes Marques

registada em 2008-09-10
por

Cláudia Simões e Joana Ribeiro

Américo Lopes Marques

Américo Lopes Marques nasceu no Ribeiro, a 15 de Agosto de 1929. Dos quatro irmãos, os três homens vieram para o Monte Frio. Os pais chamavam-se José e Ana. A mãe trabalhava na fazenda. O pai trabalhou na resina, no carvão e na fazenda. Os pais ensinavam os filhos “a ter mão para trabalhar”. Com 7 anos Américo já guardava um rebanho de gado e começou a fazer carvão. Em 1950, foi para Coimbra para a tropa e esteve lá 10 meses. Foi atirador especial. Saído da tropa voltou para Monte Frio, durante um ano. Andou na resina. Em Fajão esteve três anos, “numa casa farta”. Partiu para Lisboa e por lá esteve durante 35 anos, só regressando para a aldeia em 1987. Trabalhou nas garagens e nas estações de serviço. Em criança não andou na escola, mas aos 22 anos aprendeu a ler e a escrever, “numa senhora particular”. Foi quando andava na resina que conheceu a esposa, “naquele tempo era dona Maria”. Passados dois meses do primeiro beijo casaram e estiverem mais de 50 anos casados.

Índice

Identificação Américo Lopes Marques.....	4
Ascendência "Os meus pais ensinavam-nos era a ter mão para trabalhar".....	4
Infância Uma infância com cabras e brincadeiras.....	5
Migração Das aldeias à cidade.....	6
Percurso profissional Trabalho na terra e na cidade.....	8
Educação Escola aos 22 anos.....	9
Namoro "Naquele tempo era dona Maria".....	10
Casamento Um casamento feliz.....	11
Descendência "Foi uma alegria".....	14
Casa Uma casa renovada.....	15
Costumes Festas e histórias.....	16
Lugar "Monte Frio é melhor hoje".....	17
Quotidiano "Sei como é que se fazem as coisas".....	18
Sonhos "Uma companheira que me soubesse estimar".....	19
Avaliação Para os filhos e netos lerem.....	19

Identificação Américo Lopes Marques

Chamo-me Américo Lopes Marques e nasci no Ribeiro, a 15 de Agosto de 1929. Vim para Monte Frio tal como os meus irmãos.

Éramos três irmãos homens e todos os três viemos para o Monte Frio. Havia uma tia minha que casou no Monte Frio com o tio Augusto. Morava ao cimo do povo e depois vieram para cá três sobrinhos. Foi o meu irmão, depois fui eu e depois foi o meu irmão António, falecido.

Ascendência "*Os meus pais ensinavam-nos era a ter mão para trabalhar*"

Os meus pais chamavam-se José e Ana. A minha mãe, coitadinha, trabalhava na fazenda. E eu e os meus irmãos, em bebês, éramos criados numa cesta. O meu pai, que Deus tem, ainda chegou a estar em Lisboa, mas depois veio-se embora, que não gostava de lá. Foi trabalhar na resina, no carvão, na fazenda, eu sei lá.

Somos quatro irmãos. A minha falecida Maria do Céu era a mais velha, a seguir sou eu, depois era o António, que também já faleceu, e o mais novo era o meu irmão Alfredo. Nós tínhamos fazenditas e os meus pais ensinavam-nos era a ter mão para trabalhar. Trabalhar e mais nada. Primeiro era só milho e feijão que semeavam. Batata era muito raro. Depois, mais tarde, é que começaram a semear batatas. No tempo da fome, a minha mãe ia pelas terras, por um lado e pelo outro, a ver se arranjava alguma coisa para matar a fome à gente. Não é vergonha dizer que eu e o meu irmão Alfredo andámos a pedir. Quando, às vezes, andávamos a cavar nas fazendas em cima e víamos a minha mãe lá no caminho com a toalha branquinha à cabeça, era uma alegria! Vinha logo preparar alguma coisa para a gente comer. O meu pai antes queria um cigarro que uma boa refeição. Quando não tinha tabaco aquilo era o demónio. Eu, às vezes, vinha de Lisboa e trazia-lhe carne, farinha e tudo. Dizia:

- Ó pai, agora vai-se aqui fazer um comer que você vai gostar.

Ele metia duas garfadas ou três na boca e antes queria um cigarro. Um dia estava em Lisboa mais o meu irmão e fomos chamados, porque o meu pai tinha falecido. Quando vejo a sair-lhe sangue pela boca disse-lhe logo:

- Isto foi o tabaco, arrebitou-o.

E o meu irmão António, que era chegado a mim, também faleceu com esse mal.

Infância *Uma infância com cabras e brincadeiras*

A minha infância foi o seguinte: Os meus pais, coitados, eram pobres e os ganhos eram poucos. Então, eu tinha 7 anos e já guardava um rebanho de gado e nem eram só do meu pai. Eram muitas cabras e algumas eram mais altas que eu. Andava para aí com pífaros e a tocar flauta com elas para me distrair. Não sei quem é que me deu a primeira flauta. Eu tinha um primo que sabia tocar muito bem pífaro e flauta e eu aprendi com ele. Sei uma moda ou duas. Já vai da pessoa e do dedo. Eu depois guardava o gado e, naquela altura, nós tínhamos um bicho feroz que eram os lobos. De vez em quando, levavam um cabritinho.

Vem aí o lobo

Uma ocasião os lobos levaram-me um cabrito e o meu pai deu-me uma tarefa. Eu disse:

- Amanhã não vou com o gado!

Então, ao outro dia, foi ele passear o gado. Ouço o meu pai a gritar, vejo o lobo a ir com o cabrito em cima do lombo e disse:

- Bem feita! Ontem bateu-me por deixar lá um gado ir e hoje foi Deus que o castigou.

De noite, em casa, nós tínhamos um quarto em cima e outro no andar de baixo na mesma direcção, ouço o meu pai assim:

- "Bati ontem ao rapaz e parece que foi castigo."

Ao outro dia foi a minha mãe deitar o gado e vem outra vez o lobo. Então, a minha mãe, coitadita, lá espantou o lobo, mas o meu pai ainda disse:

- "Ó Ana, mas de quais é que ele levou? Foi das mais pequenas ou das melhores?"

Responde a minha mãe:

- "Por enquanto não levou nada!"

"Um lobo agarrado a uma cabra branca"

Um dia, eu mais um rapaz, que estava na Castanheira juntávamo-nos e o gado misturou-se. A gente entreteve-se a brincar, descuidámo-nos e deixámos ir o gado. Quando vamos a ver, estava um lobo agarrado a uma cabra branca!

E o gajo conforme lhe estava a chupar o sangue fazia ahrrruhhm ahrrruhhm ahrrruhhm! O rapaz vai por cima, com uma pedra acerta no lombo do lobo e ele larga a cabra.

"Quando chegámos ao curral faltava-nos um cabrito"

Noutra vez, o meu pai disse:

- "Olha, vem amanhã mais cedo que é para estrumar o curral das cabras e tirar o leite."

Venho guardar o gado mas, como estava assim o tempo a enevoar, elas demoram muito a comer, comiam devagarinho. Então, vejo um sacana de um lobo à procura! E parece que quanto mais eu lhe falo mais o gajo ia assim para ao pé de mim. A modo que me encolhi. Mas depois enchi-me de coragem, agarro cá de um penedo e pummm! Acerto no gajo e o gajo ahrrruhhm! Mas, como eram muitas as cabras e andavam amontoadas no mato, quando chegámos ao curral faltava-nos um cabrito. Era complicada a nossa vida.

Depois os nossos velhotes, o meu pai e os meus tios, andaram de um lado e para o outro para arranjam veneno para deitar aos lobos e eles morrerem. Não conseguiram. Então, aguçaram uma moita bem aguçadinha, fizeram um buraco num presunto, mas que eles não notassem, e puseram para lá o veneno. Enterraram o presunto numa cova de carvão, daquelas velhas que já tinham mato. Ao outro dia vão lá e a primeira coisa que viram foi uma ratazana morta. Foram a andar mais um pouco e lá encontraram a loba morta. Mas só daí a muito tempo é que descobriram o lobo lá no alto, metido numas penedas. Era só o esqueleto.

Brincadeiras de rapazes

Quando era miúdo jogávamos à cocha. Fazíamos uma covazinha no chão, havia uma bolazinha lá dentro e, com uns paus ou um cajado (como eu agora ando aí), jogávamos uns com os outros ali. Batíamos com a bola e tínhamos que a fazer tirar de lá. Havia um sistema de jogo, mas agora já não me recordo bem. Onde havia muita água também fazia moinhos de juncos. Primeiro os Invernos eram grandes e a gente, em qualquer lado, fazíamos um regatozinho, púnhamos juncos, fazíamos uma espécie de um moinho e púnhamos aqueles moinhozinhos a andar. Com miúdas não tínhamos com que brincar, porque raparigas quase não havia. Naquela altura não havia mocidade quase nenhuma.

Migração Das aldeias à cidade

Um atirador bem tratado

Fui para a tropa em Coimbra, no 12. Assentei praça em 1950 e saí no dia 27 de Janeiro de 1951. Só lá estive 10 meses, porque naquela altura levava um número alto. Tive a sorte de ser o 265. Quando fui à inspeção pesava 50 quilos. Andei dois meses na ginástica especial, mas assim que saí da tropa comecei a engordar. Era bem tratado, melhor do que sou hoje. Também era bem mandado. Era primeiro atirador especial. Mandava um tiro para ali e acertava para lá...

Contratempos de viagem

Quando saí lá do quartel de Coimbra, venho para Santa Comba Dão. O comboio era às duas horas da manhã. Estava um frio que eu sei lá e só tinha a camioneta para o Monte Frio às duas horas da tarde. Quando chega a camioneta, vou lá para dentro e passo pelas brasas. Chegámos ali à Fonte dos Rios, parece que alegrou o tempo e eu ponho-me ao caminho. A camioneta chegava às seis horas, já era praticamente noite. Começa então a chover, a chover, a chover... Era água por todos os lados! Molhei-me como um pito, todo molhadinho! Chego lá em cima à serra, há ali umas casas que eram de uns guardas da floresta. Bato a uma porta e nada. Vou por ali abaixo, sei lá por onde é que eu fui, se fui pelo ar, se fui pelo chão. Chego a casa e os meus pais, já estavam arreliados, porque sabiam que eu estava para chegar um dia antes. Lá se levantaram, foram acender lume, fizeram-me café e deram-me aguardente. Estive oito dias de cama, oito dias mal. Tive um tio que ainda me foi lá ver. Chorava de roda de mim e disse:

- "Oh Américo! Ficavas lá no Monte Frio..."

E ficava! Se um lobo se encostasse a mim... Eu sei porque cheguei a expulsar muitos para aí. Pronto, daí a uns dias eu melhorei.

Anos sem ir à terra

Voltei em Março para o Monte Frio. Mas, nessa altura, não havia tempo em condições para ir para o pinhal. Só as mulheres é que diziam:

- "Olhe, os senhores não se importavam de me ajudar amanhã?"

Que era para ir cavar terra para o milho. Estive na aldeia um ano e depois fui para Lisboa.

Foi o meu cunhado que chamou e lá estive 35 anos. Ainda estive cinco anos sem vir à terra e a minha mulher nove. Viemos para a aldeia em 1987. Foi lá que trabalhei e arranjei alguma coisa para a minha reformazinha. De lá é que mandei fazer a barraquinha onde hoje vivo. Não é como aí alguns que andam a trabalhar e nem descontam para a Segurança Social. Um dia não têm que chegue. Hoje, graças a Deus, a minha reforma e a da minha e da minha falecida vão dando para os meus medicamentos, para os meus comprimidos e para as minhas extravagâncias.

Percurso profissional *Trabalho na terra e na cidade*

Um saco de carvão e uma lata de resina

Quando era novo tomei conta do gado e, já nesse momento, comecei a ir para o carvão com o meu pai. Uma pessoa arrancava as cepas, que é coisa das moiteiras. Diz a gente que é uma torga. Baldeávamos, sacudíamos e, quando estivesse um bom monte daquilo, abria-se uma cova com um enxadão de ferro que pesava aí mais de 5 quilos. Íamos arrancando até vermos que dava para encher a cova do carvão. Depois íamos pondo fogo à cova. Às vezes tirava-se quatro ou cinco sacas, outras vezes, duas ou três, conforme a qualidade. Quantas vezes, na altura do Inverno, a gente abria a cova do carvão para lhe deitar o lume e, a acabar de fazer a cova, já ela a encher-se de água. Os Invernos eram mais rigorosos que agora e aquilo primeiro que ardesse... No Verão íamos e vínhamos de noite. Fazíamos o carvão lá para trás do ribeiro e depois não íamos para a cama. Ficávamos ali a descansar um pouco nuns sobrados para depois tirar o carvão. Tapávamos aquilo bem tapadinho e ao outro dia chegávamos lá tirávamos a terra. Depois, com uma enxada, é que tirávamos o carvão para ensacar. Às vezes, ainda tínhamos que pôr água para apagarmos o fogo. Era para não ir aceso e o lume não se largar às sacas. Eu mais o meu irmão, em dez sacas de carvão, recebemos 100 escudos. Era pouco.

Quando vim para o Monte Frio, ia para os Pardieiros para a resina. Andava dia e noite a trabalhar para encher um barril de resina. Eram dez, 11 sacas de resina para encher um barril e, naquela altura, era a 15 escudos o barril. Vinha lá de baixo para o Monte Frio com uma lata que pesava 25 quilos ao ombro. Foi uma vida muito de escravo que a gente passou aí. Por isso é que, quando estou na cama, não consigo deitar para um lado. Mas, naquela altura, era novo e não

custava. Uma pessoa andava, parecia que nada nos custava. Agora, vou de casa para o Outeiro e chego lá já cansado.

Pastor profissional

Ainda estive três anos no Fajão. Pertence ao concelho da Pampilhosa. Aí estava numa casa farta. Tinha tudo o que queria, mas também tratava bem o gado e a terra. À dona chamávamos Maria Eugénia do barroco. Tratava-me muito bem. Essa mulher esteve uma vez doente com uma doença que era a gerpela, mas chamava-me ao quarto onde estava e dava-me o dinheiro, coitada. De vez em quando, havia lá muito pastor, mas não criavam os cabritos e as cabras como eu. Quando eu ia ao mato de manhã, roçava dois, três molhos, ia cortá-lo para cima de um cepo, ia às vezes à pressa para almoçar e ainda ia deitá-lo aos animais. Ainda hoje tenho uma costura onde levei seis pontos. Foi com a roçadeira que tombou sobre mim. E só tenho isto, porque não calhou...

"Aprendi a lavar carros"

Em Lisboa andei a trabalhar nas garagens e nas estações de serviço. Aprendi a lavar carros. Foi o meu falecido cunhado Guilherme, que era irmão da minha falecida, que me chamou para lá. Esse homem foi para mim mais que um pai. Ele é que fez com que eu fosse aprender a ler e a escrever. Em Lisboa, em 1952, já eu passei a minha primeira factura a um cliente. Nunca me esquece.

Eu e a minha mulher éramos pobres, porque tinha poucas propriedades. E foi assim a nossa vida, uma vida de escravo. Fartámo-nos de trabalhar.

Educação *Escola aos 22 anos*

Eu não andei na escola, quer dizer, andei em Lisboa numa senhora particular, já depois dos 22 anos. Quando era pequenino não fui, porque do Ribeiro para a Teixeira ainda é um bocado e tinham medo que os lobos comessem a gente pelo caminho. Diziam estas coisas, que vinham os lobos e isto e aquilo, e começámos a ter medo. A nossa sorte foi irmos para Lisboa. Assim é que eu e o meu irmão Alfredo aprendemos alguma coisa lá para nos desenrascarmos. Quando os meus cunhados foram para Lisboa e me chamaram para lá, eu estava lá em casa deles, morava ao lado. Então, eles pediram-me para ir àquela senhora e eu ia lá umas horas. Chamava-se dona Manuela.

Um problema complicado

Eu até conto uma história: Andavam lá duas rapariguinhas na quarta classe e eu fui para ao pé delas aprender. Uma delas diz:

- "Ó dona Manuela, então não sou capaz de me dar com este problema aqui."

- "Que vergonha! Não é que não são capazes de dar com este! Olhe, dê ali ao senhor Américo." - diz a professora.

Eu vejo para o caderno dela e digo assim:

- É desta maneira!

- "Olha que vergonha! Um homem que anda aqui há dois ou três dias resolveu o problema e vocês não são capazes!?"

É verdade. Eu, aos meus netos, ensino ainda como é que se faz contas, mas agora é tudo por máquinas. Praticamente fiz a terceira classe. Estava a passar para a quarta quando a professora fugiu com um tipo com quem namorava e que os pais não gostavam. Foram para África ou não sei quê. Não escrevo muito bem, mas ler, graças a Deus, leio tudo.

Namoro "Naquele tempo era dona Maria"

Vou contar a história do namoro com a minha mulher. Eu andava na resina mais o meu irmão António e a minha falecida tinha lá um gado, uma cabritas num curral. E ela ia para lá para roçar o mato. Mas, nessa altura, ela já era assim um cristal. Eu estava lá a conversar e tal para lhe pedir em namoro e ela:

- "Ah, estou com pressa, porque tenho de roçar um molho!"

Digo assim para o meu irmão:

- Ó António, vai ali roçar um mato aqui à dona Maria.

Naquele tempo era dona Maria. Ele, então, foi-lhe roçar o mato e eu fiquei a falar-lhe. Ela disse que não se importava de aceitar o namoro:

- "Está bem, mas eu tenho que escrever para os meus irmãos."

Ela lá escreveu ao Guilherme e ao Fernando. Disse que eu era sobrinho do Zé Augusto, que era um antigo político cá da terra (e chegou a trabalhar muitos anos no hospital São José). Os irmãos aceitaram. Como ela fazia companhia em casa de uma tia, que era uma santa mulher que se chamava Glória, que coitada, era doente de diabetes, então fui também pedir à tia. Fiz o convite e ela disse-me assim:

- "Ela já tem pretendentes, mas é só para a enganar. E você ainda é muito novo..."

A minha esposa era mais velha que eu nove anos. E eu respondi-lhe:

- Descanse que comigo não há problemas!

Às vezes já de noite, estávamos à porta a conversar, e dizia a tia:

- "Ó Maria, ó Maria!"

Estava sempre a chamar, desconfiada que a gente fizesse algum mal.

De manhã levantava-me cedo, ia tomar o café a casa da tia da minha esposa e ia para os Pardieiros para a resina. O primeiro beijo que lhe dei foi ali em casa de manhã, quando saí para ir para a resina. E disse-lhe depois:

- Agora vê lá se dizes alguma coisa...

Passado dois meses casámos. Às vezes, na cama, dá-me a espartina e ponho-me a pensar: namorámos dois meses e chegamos a encontrar-nos casados já passava mais de 50 anos. E agora eles casam-se hoje, amanhã descasam-se.

Casamento *Um casamento feliz*

A minha esposa tinha um enxoval com muita coisa, rendas e roupas. Eu era pobre e a única coisa que trouxe da minha terra foi gado. Trouxe seis cabeças de gado.



Os noivos Américo Lopes Marques e Maria da Conceição, na companhia de Arlete e Lurdes (sobrinhas) e Amélia e António (cunhados), no dia do casamento

No dia do casamento ela levava um vestido branco e um véu. Eu levava um chapéuzinho na cabeça que se usava. Houve muitos convidados, talvez mais de 50 e tal pessoas. As minhas sobrinhas é que levavam o anel.

Depois, na altura, usava-se um lencito na mão para indicar onde era o almoço. Lá fui de braço dado para casa da madrinha da minha falecida. Comeu-se o que usávamos cá: chanfana, o arroz doce, bolos, pão-de-ló, tapioca e tigelada. Para se fazer a chanfana matava-se uma cabra ou uma ovelha, aquilo era bem temperadinho e depois ia a cozer numas caçoilas ou nuns tachos de barro. Depois andámos ali no baile. Houve até um tipo que era o Peres - já morreu, mas era o dono de uma quinta na Fonte Raiz e era ainda família dos meus - que fez um discurso assim ali à maneira dele. Disse assim:

- "Deus queira que eu me engane! Deus queira que corra bem, porque essas meninas agora vendo um burro com um chapéu na cabeça..."

E eu cá para mim:

- Vai chamar burro a outro.

"Com uma luz muito fraquita"

Andávamos ali no baile no dia do casamento e a minha prima, que é reinadia, disse-me:

- "Olha que ela - a minha esposa - já foi para casa..."

- Deixa andar.

Eu a fazer-me mesmo assim de despercebido, que gosto de fazer assim as coisas. Então, venho, subo as escadas "pia cima"¹ e estava um candeeiro com uma luz muito fraquita. Digo eu:

- Então essa luz? Não se abre mais a luz!?

E mexi na torcida do candeeiro para dar mais luz. Ela não ficou aborrecida, mas era mais velha, temos nove anos de diferença. E eu disse-lhe:

- Ó rapariga, isso não tem diferença seres mais velha ou seres mais nova. Isso é como o vinho do Porto!

Agora até me recordo que, quando foi para pôr os pregões do casamento na Benfeita, a minha falecida não queria que eu pusesse a idade dela, porque já tinha 31 anos.

Depois de casado ainda estive no Monte Frio um ano. Depois fui para Lisboa. Estive lá um ano sem a minha falecida. Depois lá é que alcançou os filhos, mas estive cinco anos sem alcançar, porque tinha um desarranjo. Uma

¹ por aí acima

vez, ela foi andar com os pés na terra quente e depois foi deitar umas coisas na água fria. Estava a ver que ia morrendo.



Américo Lopes Marques e esposa no baptizado do neto David

"No último degrau da escada"

Um dia, eu tinha ido à rua buscar umas coisas à taberna da Saudade. Estava lá um moço, que já morreu, que também se chamava Américo. Estavam a petiscar e ele disse-me:

- "Eh pá, toma aqui um coiso!"

E como uma bucha e bebo um copito de vinho. Venho para casa já era assim quase de noite. Quando vou a abrir ali a porta, a minha mulher estava sentada no último degrau da escada! Era sangue por todo o lado. Dá-me a impressão que ela deveria vir à sala para buscar os frasquinhos dos comprimidos - ela tinha tudo orientado, coitada, e eu também tinha que orientá-la muito - e não acendeu a luz do corredor. Chegou ali, pôs o pé em falso e foi até ao fundo da escada. Agarrei e fui a gritar à dona Arménia. Veio o marido que, para mim, foi uma excelente

pessoa. Fazia cá muita falta aquele homem. A ambulância levou-a para Arganil e depois para Coimbra, onde ficou internada. Telefonaram quando ela faleceu. Os meus filhos é que chegaram a orientar, que eu não tinha cabeça.

Ela ainda hoje cá podia estar. Se não é a queda que me deu ali, ela hoje estava com 87 anos. Faleceu em 2001. Ela era mais velha que eu nove anos, mas eu tratava-a. Houve uma altura que ela estava na cama e, de vez em quando, eu estava sentado no sofá e ela a chamar-me:

- "Ó Américo..."

Levantava-me e eu é que a lavava. Não é vergonha nenhuma dizer que eu é que a lavava. Não tenho remorsos nenhuns, nenhuns, daquilo que lhe fiz. E sou bem acarinhado pela família. O meu cunhado e a minha sobrinha sabem bem o que eu era para a minha falecida. Às vezes lá podíamos dar uma lambada um ao outro, isso era o habitual. Mas fui feliz enquanto ela foi viva. Agora não sou feliz porque ela faltou-me. Custa-me estar sozinho. Pode dar uma coisa qualquer a uma pessoa e depois... Mas a graça de Deus é grande.

Descendência "*Foi uma alegria*"

O nascimento do primeiro filho foi alegre. Parecia que ninguém tinha um filho como eu. Falava a toda a gente do meu filho. Nessa altura, eu trabalhava à noite na Garagem Elias Garcia e, no tempo dos morangos, ia vendê-los a gritar pela a rua:

- Ai com morangos!

Uma pessoa, uma vez, disse-me assim:

- "Você fala sempre no filho! Parece que ninguém tem um filho como você!"

Quando nasceu a rapariga também foi uma alegria. Foram baptizados na Igreja João de Deus e casaram-se depois na Igreja de Fátima.

Tenho ido muito para Lisboa para o meu filho. Mora do outro lado e eu gosto de lá ir no comboio pela Ponte 25 de Abril. A minha filha mora no Casal de São Brás, num sétimo andar. Gosto muito de lá ir e ver a Amadora e a Brandosa toda. Mas aquilo no Inverno é uma ventania do lado da Ericeira para cá, ai Jesus! É quase pior que nós no Monte Frio. Venho-me embora. Quando der frio, ponho uma lenhazita a queimar e pronto.

Um dos meus netos telefona-me de vez em quando. E quase todos os dias 11 telefono para o meu bisneto. Ele faz anos no dia 11 de Outubro e eu, todos os meses, não sei porquê, lembro-me de telefonar para lhe dar um beijinho.



Américo Lopes Marques e o neto Diogo



Américo Lopes Marques e o bisneto Guilherme

Casa *Uma casa renovada*

A casa onde moro hoje era dos pais da minha esposa. Quando partiram, calhou-lhe a casa, mas tivéramos que pagar uma parte aos irmãos. Já era velho. Era um quartozinho, uma sala e uma loja velha. Tínhamos um balcão, mas fui obrigado a deitar aquilo abaixo para fazer a entrada. Um dia venho à aldeia, justo com uma pessoa para arranjar a casa, e disse:

- Ó Maria, eu vou desistir porque fulano pediu-me "x"...

- "Tu, olha, se não arranjarmos a casa, eu nunca mais lá vou à terra!" - disse ela:

Então, eu telefono para o tipo e digo assim:

-Eh pá, manda isso para a frente!

A coisa que menos me custou na vida foi eu ter a minha casinha. Na altura foi justa por 252 contos, mas eu gastei aqui muito mais. Chegou a estar aqui dentro 22 pessoas. No ano passado, tinha um problema no esgoto. Era para ir a Lisboa logo a seguir a Agosto e não fui (só fui em Novembro), porque o Castanheira nunca mais aparecia para me fazer a obra. Gastei 200 contos em dinheiro, quase 900 e tal euros! Mas está resolvido o problema. Ainda tenho mais umas coisas para fazer, mas é surpresa para os meus filhos e para os meus netinhos. Para o ano, se Deus quiser em Julho, quando eles cá chegarem, vou alargar a minha cozinha! A minha cozinha é um bocado escura e então vou ali abrir aquilo para ficar com mais claridade para a marquise. É para mim e vai para os meus filhos. É para eles não dizerem que um dia, quando faltar, lhes deixei expulsar a casa.

Costumes *Festas e histórias*

"Já fui mordomo"

As festas dos santos eram bonitas. Havia a procissão e saíam os andores com os santos: o Bom Jesus Milagroso, a Senhora da Boa Viagem, o Santo António... São muitos, é um rancho deles que está na capela. Iam lá em cima ao Outeiro e depois passavam outra vez para baixo. Depois cada um vai para suas casas. Um leva um músico, outro leva outro e outro leva outro... Era uma alegria! Eu já fui mordomo na festa do Santíssimo da Benfeita. Este ano não houve festa, porque temos lá em cima uma obra para acabar e não estive para se pagar música, nem conjuntos, nem essas coisas todas. Temos que aguardar que esteja paga a obra.

Mas antigamente é que era, porque havia mais gente. Agora vai tudo para Lisboa. Ficam cá os velhotes...

"Parece que anda aqui o Diabo"

Eu nunca vi nenhum lobisomem mas, às vezes, quando andava a namorar com a minha falecida, ia e vinha de casa dela de noite e ouvia "Brahhhh"! Mal falava, ouvia-se lá adiante. E digo eu:

- Oh raio! Parece que anda aqui o Diabo!

Sei lá o que era. Parecia uma ovelha a berrar. Mas eu não acredito em nada. Quem morreu, morreu e está lá tudo na terra. Já tenho sonhado muito com a minha falecida, mas ela ainda não me disse se é bom lá em cima ou se é coisa.

Lugar "*Monte Frio é melhor hoje*"

Aguardente, um bom remédio

Antigamente não havia médicos, era muito raro vir um. Tratávamo-nos uns aos outros. O remédio mais comum que tínhamos era comer figos e beber aguardente.

Um padre malandrecos

Naquele tempo havia aqui um padre que era malandrecos. Chamavam o padre Redondo. Às vezes estavam as mulheres a comporem-se e ele entrava pelas casas sem pedir licença. Havia uma rapariga da Cerdeira, uma rapariga linda, linda. Meteu-se com ela, engravidou-a e a rapariga até se matou. Ele era de não sei de onde. Vinha à aldeia à missa. E quando há missa, seja um dia da missa ou do terço, ele às vezes vinha aí agarrado com as mãos em cima das coisas. Era muito malandrecos, muito malandrecos. Uma vez, ele vinha para minha casa e eu:

- "Chô"! Desculpe, quando cá estivermos em condições, é que o senhor entra se quiser!"

Tinha de andar a bisbilhotar? Depois esse homem foi apanhado num sítio. Deram-lhe uma tarefa! Deram-lhe uma tarefa que teve que vir para a rua nu. Ele até disse:

- "Vocês batam-me, mas não me matem!"

Depois foi para Lisboa. O meu filho ainda o viu, uma vez, num colégio a dar aulas lá. O gajo era muito mau, muito mau.

O tempo mudou a paisagem

A paisagem primeiro era mais destruída. Não havia tanto arvoredo como há agora, porque havia rebanhos de gado que comiam os matos. Se tínhamos que ir buscar um molho de mato ou lenha para a fogueira, tínhamos que ir para longe, para a serra. Agora é só mato, mas antes era tudo cultivado. Não se via aí uma fazenda que tivesse relva. Era raro ver um bocado que não fosse cultivado. Mas as fazendas aqui nesta terra são muito ruins de cultivar, muito, muito. É tudo a subir. Na minha terra, por exemplo, já era melhor de cultivar e tem mais água que aqui. Eu ainda cultivava umas fazendas com a minha falecida, mas já lá não ia quando ela era viva e já há mais de dois anos que lá não vou. Vou lá para quê? Mas para mim o Monte Frio é melhor hoje. Gosto de viver aqui pelo sossego e pelos ares. Lisboa já não me diz nada, não me interessa. Só foi boa para ganhar a minha reformazita.

Comissão de Melhoramentos de Monte Frio

Agora a Comissão está-se a desfazer dos melhoramentos. Mas, noutros tempos, dos antigos, arranjou-se tudo "pia cima"². Arranjaram um chafariz que estava praticamente abandonado. Fôramos lá em baixo até à barroca, metemos uma água como não há aí outra igual, um telhado e foi tudo arranjadinho. Agora a Comissão tem uma casa que, tudo arranjadinho, fica aqui um monumento! Nos arredores não há uma coisa assim.

Quotidiano "*Sei como é que se fazem as coisas*"

Agora, de 15 em 15 dias, vem cá uma empregada do Centro de Dia. Mas ela, às vezes, chega aqui e diz:

- "Ah! O que é que eu tenho aqui para limpar?"

O dia em que ela cá vem eu varro sempre isto primeiro. E lavar também sei. Tenho uma máquina e, já no tempo da minha falecida, quem ia lá mexer naquilo era eu. Para cozinhar faço os possíveis, mas não passo fome. Andei na tropa e eu sei como é que se fazem as coisas. Passar a ferro é a única coisa que eu não me ajeito.

²por aí acima

Sonhos "*Uma companheira que me soubesse estimar*"

O meu sonho actualmente era ter saúde, que eu já não tenho assim muita e padeço muito. Em Lisboa apanhei uma intoxicação da parafina dos carros e fiquei com esse mal. Mas com esta idade ainda tinha um sonho de arranjar uma companheira. Mas era uma companheira que me soubesse estimar aquilo que eu aqui tenho em minha casa, mais nada. Quem me ponha a roupa a lavar, para me passar a ferro... Mas não ia levar uma mulher para casa para ainda ir estragar aquilo que eu lá tenho, não. Então, deixo-me estar assim.

Para os meus filhos gostava ainda de dizer que tenham saúde e que criem os filhos com melhor sorte que eu. E que tenham os dias felizes, que sejam felizes com as mulheres e com os filhos, que eu cá já não sou com a minha.

Avaliação *Para os filhos e netos lerem*

Acho bem fazer um livro com estas histórias, mas gostava que os meus filhos e os meus netos o lessem. Esses é que deviam ver. É uma história muito grande, mas ainda não fica uma terça parte da coisa. A minha cabeça já não dá... e amanhã, ou depois ou assim de noite, sou capaz de estar ali a pensar: "Ah! Devia ter dito isto e isto e isto..."